



## **O EXERCÍCIO DO PODER EM *O MANUAL DOS INQUISIDORES***

### **THE ROLE OF POWER IN *THE INQUISITORS' MANUAL***

**Fábio Moreira<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo analisar e discutir as relações de poder estabelecidas no romance *O manual dos inquisidores*, de António Lobo Antunes, publicado em 1996, assim como a manutenção destas relações e das nuances que se referem à microfísica do poder, seja no plano emocional ou no plano da História, apontando para a violência como produto final das relações de poder estabelecidas, uma vez que estas funcionam como uma maquinaria social que não está situada em lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda estrutura social.

**PALAVRAS-CHAVE:** António Lobo Antunes; *O manual dos inquisidores*; Revolução dos Cravos; Salazar

**ABSTRACT:** This essay aims to analyze and discuss the relations of power that exist in *The inquisitors' manual*, written and published in 1996, by António Lobo Antunes, as well as its maintenance and nuances related to the microphysics of the power, either in the emotional plan or in the plan of History, indicating the violence as the final results in the relations of the power established.

**KEYWORDS:** António Lobo Antunes; *The inquisitors' manual*; Portugal's Carnation Revolution; Salazar

O romance *O manual dos inquisidores*, de António Lobo Antunes, gira em torno de diversos eixos temáticos. Um dos temas abordados é a reconstituição de um episódio da História de Portugal – um crime político ocorrido em 1965, qual seja, o assassinato do general Humberto Delgado pela Polícia Portuguesa, a PIDE.<sup>2</sup>

Neste romance, Lobo Antunes desconstrói, através da escrita, o discurso do poder, aqui entendido como uma capacidade de impor uma vontade, sendo a violência um dos atributos utilizados para produzir efeito. Para tal desconstrução, Lobo Antunes não se utiliza de uma denúncia pura e simples, mas sim das contradições ideológicas de origem conservadora.

Esse poder pode ser analisado, principalmente, no espaço da Quinta de Palmela, através da violência praticada por Francisco, ex-ministro de Salazar. A inação dos

<sup>1</sup> Fábio Moreira é mestrando em Estudos Literários na PUC/RJ. E-mail: biofons@gmail.com

<sup>2</sup> PIDE – Polícia Internacional de Defesa do Estado



personagens diante desse poder funciona como uma proteção, uma estratégia de silêncio que representa a sociedade portuguesa constituída após a Revolução dos Cravos. Esse poder, então, é utilizado por Lobo Antunes para discutir o alheamento de alguns personagens do romance que se evadem e se silenciam diante dos fatos ocorridos durante a ditadura salazarista.

Dessa forma, este trabalho tem por objetivo discutir e analisar as relações de poder estabelecidas no romance *O manual dos inquisidores*, publicado em 1996, vinte e dois anos após a Revolução dos Cravos, assim como a sua manutenção e todas as nuances que se referem à microfísica do poder, seja no plano emocional ou no plano da História, apontando para a violência como produto final das relações de poder estabelecidas, uma vez que estas funcionam como uma maquinaria social que não está situada em lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda estrutura social.

No romance podemos verificar como os poderes político, sexual e social manifestam-se como uma forma de repressão, à qual a violência está associada como um dos primeiros e principais atributos, seja ela física ou psicológica. O espaço da Quinta foi o escolhido para retratar esse poder, exercido através da vigilância e da ameaça praticadas por um personagem despótico, o patriarca da família e ministro de Salazar, Francisco.

São muitos os exemplos do exercício do poder no romance e é na Quinta, uma metonímia de parte da sociedade portuguesa, o espaço onde esse poder é estabelecido, reafirmando a condição de uma classe dominante – representada por Francisco -, e seus empregados, personagens marginais, que freqüentam os bastidores da casa – governanta, cozinheira, veterinário -, seres minoritários subordinados à autoridade de um patriarca, cuja desobediência pode ser punida com a morte.

A Quinta é configurada no romance como um espaço isolado do resto da sociedade, mas esse isolamento é apenas aparente, pois o poder político exercido por Francisco se desdobra configurando uma modalidade de poder existente na pluralidade dos poderes que compõem o Estado. Será nesse espaço onde os mais diversos poderes afluirão para atestar a condição de sua classe aristocrática. Francisco, como proprietário desse espaço, assume um papel fundamental dentro do Estado Novo, papel esse tão importante que até mesmo o principal dirigente, o Primeiro-ministro Salazar, ia aconselhar-se com ele na Quinta:

- Acho bem assim

**Fábio Moreira – [revistatravessias@gmail.com](mailto:revistatravessias@gmail.com)**



e o Salazar ouvia-o a acenar com a cabeça, o meu pai que dizia ao Salazar  
- Acho melhor assado  
E o Salazar para o secretário que abandonava logo a chávena de chá para  
escrever num bloco  
- Aponte a opinião do senhor doutor<sup>3</sup>

O alheamento dos personagens é bem delineado no romance e pode ser visualizado, por exemplo, no relato do personagem Tomás, ao testemunhar, escandalizado, o assassinato do general Humberto Delgado, colocando-se na cena apenas como um motorista que recebeu uma ordem do ministro: “Quero que acompanhes a polícia à Espanha para prender o general”.

4

No decorrer desse relato, há de se notar que a postura inicial de desconfiança, demonstrando o profundo medo de falar sobre questões políticas, que ainda pairava em Portugal mesmo depois da derrocada do governo de Salazar, é substituída por um desejo de botar para fora todo o incômodo presenciado no horror promovido pelo assassinato do general.

O assassinato de Humberto Delgado é uma clara demonstração da violência impulsionada pelo poder. Quando Humberto Delgado concedeu uma entrevista na qual foi perguntado sobre qual atitude tomaria face ao Primeiro-ministro, respondeu que o demitiria. Diante dessa ameaça, sua morte foi sentenciada, de acordo com o que se verifica no diálogo entre Salazar e o então ministro Francisco, não deixando claro de quem partiu a ordem:

O major, de torrada na mão, que mal o Senhor ministro se afastou a  
combinar com o professor Salazar o destino do general  
(- Mata-se prende-se mata-se é melhor matar-se mata-se)<sup>5</sup>

Esse aconselhamento de Francisco a Salazar corrobora sua soberania patriarcal e esta, por sua vez, funciona como uma espécie de patrimonialismo direcionado aos seres humanos, uma utilização do sujeito pelo objeto, onde as relações dos subordinados são determinadas por uma dependência econômica e, neste caso, agravada por uma relação de coerção e ameaça. No que se refere aos empregados, a soberania patriarcal exercida é austera, podendo a desobediência ter a morte, a prisão, a tortura etc como punição.

<sup>3</sup> ANTUNES, António Lobo. *O manual dos inquisidores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.77.

<sup>4</sup> Idem, p.317.

<sup>5</sup> Idem, p.306.



A função dos empregados é a de ser útil para Francisco – utilidade esta que tem implícita diversas formas, inclusive as de caráter sexual, conforme se verifica no relato de João, filho de Francisco, ao lembrar-se de um dos episódios presenciados na Quinta, quando criança:

Dei com a cozinheira estendida de costas no altar, de roupa em desordem e avental ao pescoço, e o meu pai escarlata, de cigarrilha na boca e chapéu na cabeça, segurando-lhe as ancas a olhar para mim sem surpresa nem zanga, e nesse domingo depois de responder aos gritos ao latim do padre, à frente do caseiro, da governanta, das criadas, o meu pai a acender cigarrilhas durante a comunhão<sup>6</sup>

Na passagem acima, confirma-se uma soberania e um despotismo que não obedece a qualquer regra moral, nem mesmo religiosa. Essa desobediência religiosa acentua-se ainda mais com o fato de Francisco acender cigarrilhas durante a comunhão, sacramento católico no qual se acredita estar na presença do “corpo” de Cristo, redefinindo sua autoridade que se sobrepõe à Igreja, sempre uma aliada na defesa do Estado Novo.

O poder neste romance é demonstrado, ainda, nas relações interpessoais de Francisco. Essa soberania patriarcal constitui uma violência no âmbito das relações interpessoais de Francisco, apontando para um quadro de dominação sem freios que não obedece a qualquer regra moral que constitua uma barreira para a exibição de sua virilidade: “Faço tudo o que elas querem mas nunca tiro o chapéu da cabeça para que se saiba quem é o patrão”.<sup>7</sup> A exibição dessa virilidade traz subjacente a idéia de que alguns homens são superiores a outros e só entre eles valeria a pena “tirar o chapéu”, além de adequar-se ao discurso do Estado Novo e à negação da existência de uma sociedade democrática.

Francisco usa sua influência política também com o objetivo de vingança pessoal. Mas desta vez, em nome dos interesses econômicos do Estado Novo, ele declina de suas intenções, conforme se observa na fala do major, reproduzida no relato da governanta Albertina:

- São instruções do Presidente do Conselho senhor ministro não são minhas, o senhor Presidente do Conselho afiançou-me que o senhor ministro era um patriota e o primeiro a entender que não devemos alienar os grupos econômicos por agora precisamos dos grupos econômicos do nosso lado.

---

<sup>6</sup> Idem, p.10.

<sup>7</sup> Idem, p.11.



O Joãozinho a puxar-me o vestido à beira do choro, e o major de braços abertos numa expressão de empreitada sem sucesso  
- Está a ser injusto comigo está a jogar a nossa amizade às urtigas sabe perfeitamente que sou pelo respeito às famílias e que se dependesse de mim dava um apertão ao homem que ele nunca mais se esquecia.<sup>8</sup>

No trecho acima, Francisco desistirá de vingar-se de Pedro, amante de sua esposa Isabel, pois Pedro é um dos empresários, pertencente aos grupos econômicos, que sustentam o Estado Novo, ou seja, uma peça importante para a preservação dos interesses econômicos. Adiante, no mesmo relato de Albertina, o destino promove, como uma espécie de ironia, o encontro de Francisco com a família de Pedro, quando João, filho de Francisco, casa-se com a sobrinha de Pedro, Sofia:

(...) a visitar a sogra no Estoril, de botas de carneira, com o chapéu até às orelhas e uma corrente de berloques no colete, acompanhado pela viúva do farmacêutico, falando com as senhoras ricas como os vagabundos falam e comportando-se como os vagabundos se comportam, o Joãozinho a pensar que era para humilhá-lo e não era, era um restinho de vingança, um restinho de ódio<sup>9</sup>

Nesse ato de vingança percebe-se um contraste entre as regras de comportamento e valores entre uma elite financeira e uma elite política, embora existisse entre ambas o interesse pela manutenção e defesa do poder.

A postura opressora de Francisco passeia pelo âmbito político até o sexual, uma vez que ele dispunha de todos os recursos para que suas vontades fossem cumpridas. Os empregados da Quinta têm uma obediência cega a Francisco, que se aproveita de um poder de coação que massacra os mais fracos. Esse opressão pode ser verificada quando Francisco entra na cozinha, com o chapéu na cabeça e cigarrilha na boca, abusando sexualmente da cozinheira, impedindo-lhe de qualquer atitude de resistência: “Tu aí (...) Tu quieta”.<sup>10</sup> Desse ato sexual abusivo, nasce Paula, cujo parto foi feito por outro personagem também submetido aos caprichos de Francisco, Luís, veterinário da Quinta e mais uma vítima de sua arrogância:

Quando o senhor ministro ligou às sete da a mandar-me ir à quinta por ter uma vitela a parir (...) eu que estive em Palmela três semanas antes e não encontrei nenhum animal grávido, mas aquilo que um protegido do

<sup>8</sup> Idem, p.130.

<sup>9</sup> Idem, p.130-131

<sup>10</sup> Idem, p.111.



professor Salazar afirma, por mais estranho que seja, ou é verdade ou os jornais vão garantir amanhã que é verdade o que equivale ao mesmo, e se a gente os contraria dá com os costados na polícia de farol na cara e um chefe de brigada a convencer-nos com estalos evangelizadores, de que lado se acham o interesse do país, a virtude e a razão.<sup>11</sup>

Essa arrogância, que tem por conseqüência uma completa falta de respeito, coloca os seus empregados na mesma categoria que a dos animais e reafirma a subalternidade imposta por Francisco, limitando-os à sua obediência e coação. Mas, como uma visão otimista da História, a detenção desse poder sem limites tem seu declínio, demonstrado, metaforicamente, através da doença de Francisco.

O percurso dessa degeneração começa com a doença que acomete Francisco, como uma clara representação da chegada da democracia em Portugal. O espaço da clínica foi o escolhido por Lobo Antunes para representar o declínio do poder de Francisco, como uma inquestionável alusão à queda da ditadura salazarista.

Já no primeiro capítulo do romance, através do relato de João ao lembrar-se da quinta dos tempos de outrora, consegue-se perceber a decadência do regime ditatorial:

E ao entrar no tribunal em Lisboa era na quinta que pensava. Não na quinta de agora com as estátuas do jardim quebradas, a piscina vazia, o capim que devorava os canis e destroçara os canteiros, a grande casa destelhada onde chovia no piano com o retrato autografado da rainha, na mesa de xadrez a que faltavam peças, nos rasgões da alcatifa e na cama de alumínio que armei na cozinha, encostada ao fogão, para um sono afligido toda a noite pelas gargalhadas dos corvos.<sup>12</sup>

O trecho acima reforça a decadência do regime de Salazar através dos sintagmas “quebradas”, “vazia”, “devorava” e “destroçara”, assim como a existência, no passado, de um poder supremo, representado pela foto autografada da rainha no piano.

A revolução de 74 representa o final da trajetória de Francisco, elaborada através de um intertexto com fatos da História portuguesa. Em um dos relatos, Albertina faz referência a uma manhã de abril em que Marcelo Caetano visita o ministro Francisco com o objetivo de contornar a crise provocada pela sua indicação à presidência do Conselho de Ministros, visando substituir Salazar, após este sofrer um derrame cerebral em 1968, ficando dessa forma,

---

<sup>11</sup> Idem, p.135; 139-140

<sup>12</sup> Idem, p.9.



impossibilitado de exercer o poder, vindo a falecer em 1970.<sup>13</sup> Nessa passagem já existem indícios da perda do poder de Francisco, mas ainda não será a sua grande derrota política:

- Que história é essa homem que diabo de história é essa?  
e o relógio da cozinha soou uma porção de badaladas e portanto amanhecia. Não me lembro que dia era e todavia estávamos em abril dado existirem gralhas novas no pomar e laranjeiras com pontinhos brancos, o senhor doutor deixara o ministério zangado com o professor Caetano que visitara uma ou duas ocasiões a quinta para o convencer a voltar, recebido não na sala do piano, com a fotografia da rainha a assistir à conversa, mas no quarto ao lado, mais pequeno, quase sem móveis, no qual dava ordens ao caseiro, ao tratorista e ao padre após a missa<sup>14</sup>

Ao receber o professor Caetano no quarto ao lado de onde está a foto da rainha, Francisco tenta ainda demonstrar seu não já vigoroso poder, agindo de maneira hostil, tal qual age com o caseiro, com o tratorista, com o padre, dispensando a governanta quando esta oferece o chá: “Este presidente do conselho não bebe chá Titina”.<sup>15</sup>

O alijamento de Francisco do cargo de primeiro-ministro é já um forte indício de sua derrocada:

furioso por o senhor almirante não o ter escolhido para dirigir o país, ele que na tarde em que o professor Caetano falou na televisão a agradecer os aplausos tirou da parede o retrato do senhor almirante em que se abraçavam a sorrir<sup>16</sup>

Mais adiante, no mesmo relato, Francisco já apartado do cargo, conspira um golpe com políticos de sua geração para articular sua indicação ao cargo de primeiro-ministro. Mas, surpreendentemente, o que realmente ocorre não é o golpe conspirado por Francisco, mas sim a Revolução: “Não são as nossas tropas diz você embaixador Nogueira como raio é que não são as nossas tropas?”.<sup>17</sup>

As tropas acima referidas são, de acordo com Oliveira Marques<sup>18</sup>, as do Movimento das Forças Armadas, que ao longo tornou-se uma contestação que se propagou no regime dos milicianos.

<sup>13</sup> MARQUES, Antônio H. de Oliveira. Breve história de Portugal. Lisboa: Editorial Presença, 1998, p. 637-640.

<sup>14</sup> ANTUNES, António Lobo. *O manual dos inquisidores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.147.

<sup>15</sup> Idem, p.147.

<sup>16</sup> Idem, p.147.

<sup>17</sup> Idem, p.150.

<sup>18</sup> MARQUES, Antônio H. de Oliveira. Breve história de Portugal. Lisboa: Editorial Presença, 1998, p. 644.



Os efeitos da derrota da ditadura salazarista pode ser vista no romance através da aflição de Francisco, promovido pelos chamados “comunistas”. Mas o emblemático sinal da perda de seu poder sem limites é a sua internação numa clínica de velhos em Alvalade, como representação da agonia de um sistema velho e doente.

Com a doença de Francisco, assistimos a uma inversão do poder, agora não mais um poder do Estado, mas do poder da doença sobre o corpo debilitado. Uma relação que funciona como uma metonímia do controle dos corpos nas relações de poder, uma vez que Francisco já não tem domínio do seu próprio corpo, atingindo sua expressão máxima numa situação de alheamento tão profundo que seu corpo já não mais lhe pertence, e sim às enfermeiras que lhe prestam cuidados:

- Xixi senhor doutor xixi não queremos de certeza sujar o pijaminha lavado pois não senhor doutor?  
mãos que me levantam, me deitam, me lavam, dão de comer, me entalam um bacio nas pernas, eu a correr de mim para o bacio nas pernas, eu a correr de mim para o bacio num tilintar de berlindes, e me beliscam o queixo afastando-se contentes, corredor fora, levando-me consigo no bacio
- Muito bem senhor doutor querido menino quem fez um xixi lindo quem foi? <sup>19</sup>

Os diálogos infantilizados acima, impostos a Francisco enquanto paciente da clínica, demonstram uma fraqueza e uma impossibilidade de reivindicação, negando sua condição ativa e representando uma transição entre os regimes de poder.

Se a doença de Francisco o coloca num contexto de isolamento, o mesmo não acontece com sua memória, que assume um aspecto delirante, pois ela não é prisioneira do corpo debilitado, estabelecendo diversas associações entre diversos episódios nos quais se observa a convergência entre os poderes – os exercidos no passado e os que são exercidos sobre ele, no presente. Um dos exemplos é a associação entre a clínica e o campo de concentração de presos políticos em Moçamedes, estabelecida pelo delírio que passa por uma recordação da Quinta até chegar ao campo de concentração onde os presos políticos estão encarcerados em condições subumanas:

- a Titina afugentando os gansos com a vassoura, o caseiro que observava o céu mesmo com nuvens, pensava um bocadinho e acertava na hora, o

<sup>19</sup> ANTUNES, António Lobo. *O manual dos inquisidores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.327.





meu filho com um embrulho de línguas de gato, sem se atrever a beijar-me, que não sabia se eu o escutava ou o não podia escutar fingindo um sorriso que se eu conseguisse mover o braço lhe atirava um estalo  
- Há tempos que o não via com umas cores assim pai cores assim pai além da parede o cansaço das ondas, o jipe em que eu viera a enferrujar-se ao sol, trapos de palmeiras dançando os seus cretones e o diretor, preocupado que eu o demitisse, a furar a barriga dos presos com o pingalim  
- É fita deles senhor ministro querem que a gente pense que têm a amebiana e andam todos de perfeita saúde não há nem um doente na enfermaria da prisão<sup>20</sup>

A doença é o elemento que vai estabelecer a ligação entre os ambientes da Quinta e do campo de concentração como espaços reveladores de uma esquizofrenia e desumanidade.

Uma tensão delirante marca o clima que acompanha todo o percurso de Francisco na clínica e é através das dicotomias ascensão/poder e declínio/doença que Lobo Antunes aproveita para delinear uma trajetória de mais de meio século de censura, posta à tona com a Revolução dos Cravos.

Em entrevista ao Jornal de Letras na ocasião do lançamento, António Lobo Antunes afirma que *O manual dos inquisidores* é um livro sobre o poder, sobre os estados do poder, que durante mais de 50 anos transformou o cotidiano da sociedade portuguesa num clima de tensão, violência e medo.

O autor prevalece-se de um sentido crítico para mostrar o desalento social, financeiro e moral representado pelo personagem Francisco, despótico e ditatorial em seu pequeno mundo – a Quinta de Palmela –, um homem que nunca tirava o chapéu para mostrar quem é o patrão, enlouquecido pelo fantasma dos “comunistas” que estão em toda a parte, vegetando depois num asilo, morto-vivo cercado de enfermeiras alegremente impessoais.

Nessa trajetória de ascensão e queda, Lobo Antunes retoma na ficção os resquícios do medo e da desconfiança do autoritarismo salazarista, retratando a sociedade como o produto dos traumas históricos vividos em tantos anos de censura. Os mecanismos de coerção aos quais os personagens eram submetidos explicitam a truculência autoritária que o regime salazarista implantou em Portugal.

Com esse romance, Lobo Antunes parece intencionar para a saída de um imobilismo que mantém a sociedade portuguesa presa a um passado cujas marcas ainda se fazem presentes, convidando o leitor à construção de um novo tempo, livre da distorção fascista, através da

---

<sup>20</sup> Idem, p.328.



visão do passado e de uma “leitura que pode ser ativa”, utilizando aqui as palavras de Maria Alzira Seixo<sup>21</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNES, António Lobo. “A salvação pela escrita” – entrevista concedida a Rodrigues da Silva, in **JL Jornal de Letras, Tema**, de 25 de setembro de 1996.

\_\_\_\_\_. *O manual dos inquisidores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

MARQUES, António H. de Oliveira. *Breve história de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

SEIXO, Maria Alzira. “As várias vozes da escrita”, in **JL Jornal de Letras, Leitura**, de 06 de novembro de 1996.

---

<sup>21</sup> SEIXO, Maria Alzira. “As várias vozes da escrita”, in **JL Jornal de Letras, Leitura**, de 06 de novembro de 1996, p.8.